

Da Palestina à Europa: trajecto de um livro de formação monástica

Ana Cristina Rui Almeida
Universidade Católica – Viseu

O livro de formação monástica sobre que esta comunicação incide é um texto português medieval em prosa, conservado nos fundos de Alcobaça da Biblioteca Nacional, um manuscrito em códice de papel, que António Joaquim Anselmo¹ datou do século XV. Trata-se da *Escada Espiritual* de S. João Clímaco, texto que se encontra encadernado conjuntamente com um excerto das *Colacções* de Cassiano (nos primeiros fólhos), e que constitui o Ms. Alc. 213.

O seu autor, S. João Clímaco, também denominado *João, o escolástico* ou *sinaíta* deve o nome por que é conhecido exactamente à redacção da *Escada Espiritual* (em grego Κλίμαξ significa ‘escada’)². É um Padre da Igreja Oriental bastante divulgado e reverenciado, tendo ganho particular importância na ascética mística, nomeadamente da Igreja Grega e Russa. Tudo o que se sabe da sua vida é deduzido a partir dos seus escritos (que incluem também um *Sermão ao Pastor* que se segue à *Escada*) ou conhecido através da *Vita* redigida por um Monge Daniel, abade do Mosteiro de Raithu (a sudoeste do Monte Sinai), segundo a qual se supõe que terá nascido na Síria, cerca de 525 (ou pelo menos, antes de 579), e falecido no Monte Sinai, cerca de 605 (ou 616, ou mesmo 649, segundo alguns autores). Crê-se que terá tido sólida formação intelectual, mas cedo (pelos seus 16 anos) se terá retirado para aquele lugar santo, que atraía então grande número de ascetas e solitários, tendo-se submetido à orientação espiritual de “um monge chamado Martyrius”³, que lhe conferiu a tonsura monástica aos vinte anos. Após a morte deste seu “pai espiritual”, viveu em isolamento numa pequena ermida (em Tholas, hoje designada Wadi l’Tlah⁴), retiro

1. António ANSELMO, *Os Códices Alcobacenses da Biblioteca Nacional* (1. Códices Portugueses). Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926, 48-9.

2. Retomamos nestes parágrafos algumas reflexões já apresentadas em trabalho anterior: Ana Cristina ALMEIDA, «A Escada de S. João Clímaco», in *Figura – Actas do II Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval* (Coord. de António Branco), Faro, Universidade do Algarve, 2001 [1998].

3. *The Catholic Encyclopedia*: http://www.Knight.org./advent/cathen/08457_a.htm

4. *La Escala Espiritual o Escala del Paraíso* (Tradução do grego de Isabel Gilda Almoda e Mauro Matthei OSB, notas explicativas de Placide Deseille), Zamora, Ed. Monte Casino, 1990, 3 e ss. Cf. também <http://www.stkparks.gov.eg>.

que terá sido interrompido por algumas viagens, nomeadamente ao Egipto. Pelo ano 600, os monges do monte Sinai pediram-lhe que assumisse a sua condução, como abade (do Mosteiro de Santa Catarina), o que fez com tal reputação de sabedoria que o Papa Gregório Magno não só lhe terá escrito – em Setembro de 600 – recomendando-se nas suas orações e enviando-lhe dinheiro para o *hospital* do Sinai, mas também o tornou conhecido através dos seus *Moralia*.

A *Escada Espiritual* ou *Escada do Paraíso* é um texto que se apresenta dividido em trinta pensamentos ou reflexões (no original grego *logoi*), chamados graus, degraus ou escalões pelos editores posteriores. Segundo os seus tradutores e comentadores, ao tomar como referente o episódio bíblico da 'Escada de Jacob', «Clímaco sintetiza plenamente o símbolo que lhe serve para explicar a etapa ascética e a mística da vida espiritual». De facto, O *Génesis* relata como episódio central de uma viagem empreendida solitariamente por Jacob, a visão que este teve, em sonho, de uma *escada* (escadaria ou rampa pode ser também o significado do texto hebraico) que ligava a Terra ao Céu, imagem que representa a possibilidade de Deus se lhe dirigir. Do ponto de vista do sentido, espiritual, este episódio visa ilustrar didacticamente a manifestação da providência divina, e a confirmação das promessas de Deus a Abraão, traduzidas numa nova Aliança, simbolizando a escada, portanto, um meio pelo qual Deus se revela ao homem. Do mesmo modo, a ambição de todo o monge, estabelecida nesta *Escada Celestial* ou *do Paraíso* seria empreender esta caminhada ascensional, de proximidade cada vez maior com a perfeição divina, através dos conselhos deste experimentado e santo «pai espiritual» João Clímaco que, humildemente, se afirma na sua construção «como um arquitecto pouco hábil» (XXVII, 32)⁵. Para além do significado desta figura, está também patente, como em todos os escritos monásticos (*Regras* e outros), a metáfora do combate espiritual que leva à perfeição, e a que a *Escada* vai igualmente recorrendo.

Este é também um texto marcado, provavelmente, pela intensa actividade pastoral do seu autor, pois os relatos de experiências, consultas e confidências são abundantes. Supõe-se também que tenha sido escrito em idade já avançada (certamente com o objectivo de formalizar algumas indicações aos monges que pediram a João Clímaco para ser o seu abade, tendo já cerca de 75 anos, à maneira de *Regra*) pelo que a experiência reportada não é tanto fruto de um conhecimento adquirido intelectualmente, mas a partir do transcurso de uma vida de interiorização e reflexão pessoal. De resto, os especialistas afirmam que «Clímaco, tal como Cassiano, reflecte sobre as diferenças e complementaridade da vida eremítica e da cenobítica mas, ao contrário do seu antecessor, inspira-se mais em Basílio⁶ do que em Evágrio, e distancia-se do intelectualismo deste

5. Apud: *La Escala*, 8.

6. Padre do monaquismo oriental, S. Basílio (330-379), nascido em Cesareia, na Capadócia, era oriundo de uma família nobre, abastada, e igualmente culta, sendo um dos seus irmãos S. Gregório de Nisa. Coursou retórica na escola fundada por Orígenes (que para Cesareia fora desterrado em 232), escola que se notabilizou pela sua interpretação alegórica da Escritura. Estudou ainda em Constantinopla e mais tarde em Atenas, onde conviveu e travou amizade duradoura com Gregório Nazianzeno. Cerca de 356 regressou a Cesareia onde exerceu ainda como retórico para logo renunciar em nome de uma vida dedicada a Deus. Recebeu o baptismo e procurou relacionar-se com os mais célebres ascetas do deserto, viajando pelo Egipto, Palestina, Síria e Mesopotâmia. Quando regressou, distribuiu os seus bens pelos pobres e retirou-se para Neocesareia, no Iris, para em breve constituir vários cenóbios. Aquando de uma visita de Gregório Nazianzeno, em 358, prepararam a *Philocalia*, uma antologia das obras de Orígenes, e as duas regras (consideradas por E. Gilson das mais severas) e que tanta influência tiveram na expansão da vida monástica. Os escritos de S. Basílio Magno caracterizam-se por um certo positivismo e por demonstrar bastantes conhecimentos científicos, o que se explica, também segundo E. Gilson, pela circunstância de ter aprendido medicina. São constituídos por tratados dogmáticos, ascéticos, pedagógicos e litúrgicos, além de sermões e cartas. (À escola de Cesareia opunha-se a de Antioquia, fundada por Luciano de Samosata (312), e que teve como discípulo mais ilustre S. João Crisóstomo, a qual se centrava no próprio texto, buscando a interpretação literal e o estudo histórico e gramatical da Escritura. Embora não existisse uma contradição absoluta entre as duas escolas, a diversi-

último»⁷. É considerado como «o mais típico representante da escola sinaítica (...) bom conhecedor dos antigos padres, dos solitários do deserto egípcio e também do monacato palestino»⁸.

O texto original deste livro de formação monástica foi, portanto, escrito em grego, e bastante divulgado (como atestam os 33 manuscritos existentes) o que explica, em parte, o seu sucesso como directório espiritual do monacato bizantino e vulgarização na Igreja Oriental, bem como ainda no sul de Itália; mas foi também divulgado por traduções em língua síria, árabe, arménia, geórgica, e mais tarde russo, eslavo, romeno e servo-croata⁹, o que tem dificultado a realização de uma edição crítica, ainda não existente.

Deste texto não se conhecem versões latinas medievais antigas da *Escada* a não ser «certos num florilégio do século XI, de Monte Cassino». Foi o italiano Ângelo Clareno, um franciscano espiritual, quem traduziu este texto para latim e, assim, a sua tradução de «cerca de 1300, parece não ter predecessor», conforme refere Musto¹⁰. Em rigor, dos 51 manuscritos que se conservam em latim desta tradução de Clareno (isto é, do final do século XIII) 8 estão em bibliotecas na Alemanha, 17 em Itália, 6 no Vaticano, 4 na Bélgica, 9 em França, 2 em Inglaterra, 1 na República Checa, 1 na Croácia, 1 nos Países Baixos, 1 em Espanha e 1 em Portugal) – o que atesta à época a sua divulgação por toda a Europa; a estes acrescem 39 manuscritos em italiano (31 em bibliotecas de Itália – dos sécs. XIV e XV e um do XVI; 4 no Vaticano – do séc. XV; e 4 em Inglaterra – um do séc. XIV e três do XV); 1 manuscrito em português (de Alcobaça, na Biblioteca Nacional – séc. XV) e 1 manuscrito em inglês (na Biblioteca Municipal de Cambrai, do séc. XVII)¹¹, o que nos faz pen-

dade de método residia numa diferença de mentalidade que já se fizera sentir na filosofia grega, pois na primeira o idealismo e a especulação deviam-se ao influxo de Platão, enquanto o realismo e empirismo de Antioquia eram tributários de Aristóteles). Cf. Etienne GILSON, *La Philosophie au Moyen Âge*, Paris, Payot [1976] tomo I, 64 -67 e Johanes QUASTEN, *Patrologia I* (Biblioteca de Autores Cristãos), Madrid, La Editorial Católica, 1984, Cap II (Literatura Anteniceia depois de Ireneu – os escritores de Ásia Menor, Síria e Palestina), 429 e 430; bem como *Patrologia II*, 224-260.

7. *La Escala...*, 6 [Nossa tradução]. Evágrio (345-399), nasceu em Irbos no Ponto, estudou pelos ensinamentos de Orígenes e foi ordenado leitor por Basílio Magno e diácono por Gregório Nazianzeno. Tendo acompanhado este último ao concílio de Constantinopla em 381, ficou naquela cidade com Nectário, seu patriarca. Sentindo, porém, a sua alma ameaçada por tentações várias (como refere Quasten), deixou Constantinopla, e seguiu para Jerusalém. Viveu no Egípto, a partir de 382, e conheceu os Macários no deserto, tendo adoptado o seu modo de vida. Ganhava o seu sustento escrevendo (era um exímio calígrafo). Recusou o bispado que Teófilo de Alexandria lhe ofereceu, tendo morrido em 399. É o primeiro monge que escreve não só várias como extensas obras, fundadoras do misticismo monástico, e devedoras da teologia mística e exegese bíblica de Orígenes. Os seus escritos em grego não se conservaram, mas encontram-se versões latinas de Rufino, e outras síriacas, arménias, árabes e etíopes, bem como entre as obras de S. Basílio Magno, por exemplo. Foi o primeiro escritor eclesiástico a escrever sob a forma de aforismos, imitando a literatura gnómica dos filósofos e adoptando o estilo sentencioso do *Livro dos Provérbios*, que comentou. Foi também o criador das “centúrias espirituais”, uma forma literária famosa na época Bizantina. Uma das suas obras (*Antirrhetikos*) continha textos seleccionados das Escrituras para combater os espíritos tentadores, distribuídos em oito partes, conforme os oito espíritos maus que mantinham o monge em constante perigo: os demónios da gula, adultério, avareza, desalento, irritabilidade, fastídio de ser monge, preguiça e arrogância. Depois da descrição destes demónios seguia-se o conjunto das sentenças das Escrituras que ajudavam o monge “activo” a combater esses vícios. Este é o primeiro testemunho literário da doutrina precursora dos sete pecados capitais. *Espelho de Monges e monjas* é também o título de um conjunto de cinquenta sentenças, que se conserva em grego, e que revela, a par ainda de outras obras, como Evágrio preferia o discurso sentencioso e conciso como forma de evitar grandes divagações e facilitar o trabalho de memorização e reflexão a que o monge sobre eles se devia entregar. Cf. Johanes QUASTEN, *Patrologia II*, 184-193.

8. *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana* (dir. de Angelo di Bernardino), Salamanca, Ed. Sigueme, 1991, s.v. «Juan Climaco (o escolástico)».

9. *Diccionario Patristico...*, cit.

10. Ronald MUSTO, «Angelo Clareno, OFM: Fourteenth-Century Translator of the Greek Fathers. An Introduction and a Checklist of Manuscripts and Printings of his «Scala Paradisi», *Archivum Franciscanum Historicum*, An. 76 (1983), 229-30 [Nossa tradução].

11. Cf. MUSTO, «Angelo Clareno...», 220.

sar sobre as razões que permitiram que este texto tenha vivido uma tradição quase completamente situada no Oriente desde o século VII ao século XIII, para depois chegar a toda a Europa na sua versão latina e ser conhecido, em língua vulgar, apenas em Itália e Portugal.

Nas bibliotecas portuguesas, já Mário Martins chamava a atenção para o facto de o texto latino manuscrito de Alcobaça, códice 387, conter a versão do franciscano Ângelo Clareno (que a escreveu cerca de 1300, tendo falecido em Santa Maria de Aspro em 1337), e de a versão portuguesa contida no manuscrito alcobacense 213 «seguir de perto o espírito de Frei Ângelo Clareno»¹².

Seguindo estas indicações, pudemos consultar a excelente síntese de Lydia von Auw¹³ sobre a vida, obras e traduções de Ângelo Clareno, a qual nos informa como a tradução da *Scala Paradisi* foi bem acolhida, e como cedo foi também vertida para italiano, por Gentile da Foligno, dominicano e amigo pessoal de Clareno¹⁴. Esta autora, de resto, aponta a possibilidade de a tradução portuguesa ter sido realizada a partir desta versão italiana de Foligno, o que, do texto que já pudemos ler do manuscrito português, não só poderá confirmar-se, como vai ao encontro das cautelas com que Mário Martins apenas referia que o texto português *seguia de perto o espírito de Clareno*, e não assegurava que *fosse tradução do texto de Clareno*.

A aceitação da obra de Clímaco por esta tradução de Clareno é também atestada por aquela autora pelas citações que fez Álvaro Pais, o futuro Bispo de Silves e penitenciário do papa João XXII, no seu *De Statu et Planctu Ecclesiae...*, escrito entre 1330 e 32, como refere João Morais Barbosa¹⁵, e provavelmente concebido em Montecompatri em 1328, com opinara já A. Moreira de Sá¹⁶. Este facto torna-se particularmente relevante pois, apesar de posteriores correcções e aditamentos ao *De Statu...*¹⁷, possibilita a datação da recepção do texto latino da *Escada*, pela tradução de Clareno, provavelmente ainda em vida deste¹⁸.

Curiosamente o acaso já nos levava a encontrar esta relação entre Álvaro Pais e Ângelo Clareno, aquando da consulta dos *Scritti Inediti di Fra Álvaro Pais*, editados por V. Meneghin OFM¹⁹, pois aí estão duas cartas por ele destinadas a Clareno (através de um intermediário, Frei Oddone), e em que, segundo este autor, “convinto di difendere una buona causa, Alvaro espresse chiaramente il suo pensiero circa gli «Spirituali», e particolarmente intorno al loro capo Fra Angelo da Chiarino, nelle due lettere, chiamiamole così, antecclareniene. / Egli si dimostra preoccupatissimo e scanda-

12. Mário MARTINS, «A “Escada Celestial” em medievo-português», *Brotéria*, vol. LXII, n.º 4 (1961), 407.

13. Lydia AUW, *Angelo Clareno et les spirituels italiens*, Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 1979.

14. Id., *ibid.*, 240, n. 4: «Só o manuscrito de 1351 da Biblioteca Riccardiana, em Florença, atribui o nome do autor, (...) [mas] durante todo o século XV [e XVI] (...) ela foi impressa em Veneza por quatro vezes: em 1474, em 1478, em 1492, e em 1517».

15. Álvaro PAIS, *Estado e Pranto da Igreja* (Pref. de Francisco da Gama Caeiro, introd. de João Morais Barbosa e estab. do texto e trad. de Miguel Pinto de Menezes), Vol. I, Lisboa, INIC, 1988, 15.

16. Apud: *Scritti inediti di Fra Álvaro Pais*, (a cura di P. Vittorino Meneghin OFM), Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1969, «Nota Breve», p.VI.

17. Em rigor trata-se de três redacções manuscritas: em 1330-32, em 1335 e em 1340. Cf. J. M. BARBOSA, «Introdução» a Álvaro PAIS, *Estado e pranto...*, Vol. II, 12.

18. Para termos uma ideia da extensão do texto de Clímaco incorporado em citações na obra de Álvaro Pais, e recorrendo apenas à Primeira Parte do Segundo Livro, a que Morais Barbosa chama o «*planctus ecclesiae*» (vols. IV, V e VI da edição INIC), encontramos 11 fragmentos que se reportam a reflexões sobre: a *verdadeira alegria* – que ocupa cerca de 4 l. (p.53 do vol. IV); o *choro* – que ocupa cerca de 24 l. (p. 209 do mesmo vol.); a *soberba* – cerca de 5 l. (p. 241 do vol. IV); de novo sobre o *choro*, em citação dos mesmos passos atrás indicados, e que ocupa mais 2 l. (p.169 do vol. V); o poder combativo da *oração* – cerca de 4 l. (p. 85 do vol VI); o *homem peregrino* – também 4 l. (p. 115); o *anacoreta* – cerca de 3 l. (p. 117); a *gula* e a *oração* – cerca de 10 l. (p. 175); a *obediência* – cerca de 5 l. (p. 189); a *avareza* e a *pobreza* – mais de meia página (p. 269-71); e de novo sobre a *pobreza* – 8 l. (p.511).

19. *Scritti...*, p. XXVII e ss. e 54-92.

lizzato della scissione avvenuta nell'Ordine per opera di coloro che, volendo osservare «spiritualmente» la Regola, si separarono e diedero inizio ad un nuovo Ordine”. Álvaro Pais, ele próprio num primeiro momento um «espiritual», aderiu agora à «comunidade», observando a *Regra* segundo as declarações e concessões pontifícias, e condenando a vontade separatista dos «espirituais» em geral, e Clarenó em particular, pois que, para Álvaro Pais, a *Regra* podia ser observada não só espiritualmente como também segundo as declarações pontifícias, de modo a evitar a cisão da Ordem Franciscana; e nem a decadência desta Ordem era tal como referiam os separatistas: «la Regola viene osservata nel modo e nella forma indicati dalla suprema autorità della Chiesa; l'essenza della vita francescana non consiste nell'osservanza esteriore, superficiale, addirittura farisaica, del Vangelo, in una povertà estrema, in aspre mortificazioni fisiche, ma piuttosto nella mortificazione interiore, nella obediência, nella sottomissione ai prelati dell'Ordine e all'autorità della Chiesa. Questo l'argomento generale, molto sintetizzato, delle due lettere», conforme nos diz Meneghin. As cartas de Álvaro Pais a Clarenó devem ter sido escritas antes de 1328 (pois é essa a data da resposta de Clarenó), numa altura em que Álvaro Pais permaneceu na Umbria, onde podia mais facilmente entrar em contacto com Clarenó, então em Subiaco (na confinante Sabina).

Assim sendo, parece que todos os factos apontam para que a tradução latina da *Escada Espiritual* de S. João Clímaco, feita por Ângelo Clarenó, tenha sido conhecida por Álvaro Pais, que a utilizou nos seus escritos pouco depois. Esse conhecimento produziu-se, certamente, por via dos contactos dentro da Ordem Franciscana e, apesar do desacordo de fundo sobre as posições tomadas por cada um em relação à problemática da pobreza, isso não impediu Álvaro Pais de adoptar aquele texto traduzido por Clarenó e de o difundir.

Uma hipótese de demonstração de como o conhecimento deste texto de Clarenó pode ter chegado a Alcobaça é-nos dada pela observação do conteúdo de duas cartas de Álvaro Pais ao rei Afonso IV, e onde se explica o motivo porque o bispo de Silves se viu inibido de corresponder ao convite do rei para participar nas cortes de Santarém de 1344, e de Montemor, e perante ele se desculpou. Diz o texto que «...buscou alívio e descanso na Abadia de Alcobaça, onde passou mais de seis semanas para consolação de um e outro homem – o espiritual e o corporal: *pro consolatione hominis utriusque* (...) apelando para o testemunho que, em pessoa, daria dele o Dom Abade de Alcobaça (... neste ano, D. Frei João Martins)»²⁰. Julgamos pois que estadias de Álvaro Pais em Alcobaça (como esta, durante mês e meio, pelo menos, em 1344), lhe teriam permitido dar a conhecer o texto latino, traduzido por Clarenó, também naquele mosteiro, uma vez que para «consolação do homem espiritual» não deixaria de comunicar àqueles monges o texto que conhecera, vindo de Itália, cerca de 15 anos antes, de um importante franciscano que falecera há 7 anos, e que o mosteiro não possuiria ainda.

A importância do pensamento franciscano e a sua influência na consciência cultural e ética em Portugal tem sido posta em evidência, desde logo, por Joaquim de Carvalho que disse, a propósito da filosofia medieval, que ela «nasceu e, em grande parte, gravitou em torno das religiões, ou melhor, das teologias, das quais era solidária quando não subordinada; [em Portugal] o vago e ténue espírito filosófico [moveu-se] na esfera dos problemas patrísticos e da teologia cristã [frequentemente] de feição heterodoxa, [com um sentimento de] ascetismo anticlerical [que se fundava, em grande medida, no movimento franciscano e na sua] ideia mística de pobreza»²¹.

20. Domingos MAURÍCIO, «Cartas de Álvaro Pais», *Brotéria*, Vol. LXXXI, n.º 6 (1965), 654 e ss.

21. Joaquim de CARVALHO, «Desenvolvimento da Filosofia em Portugal durante a Idade Média», in *Obra Completa*, Vol. I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978 [1927].

A recepção de Clímaco parece corresponder também a esta ideia, particularmente se tivermos em conta as circunstâncias que levaram Clarenos a ter acesso a este texto, bem como, mais tarde, o debate que há-de envolver Álvaro Pais, pois, de facto, como refere Lydia von Auw, foi na sequência da perseguição movida aos «espirituais» italianos que, refugiando-se na Grécia com os seus seguidores, Clarenos tivera contacto com o texto que os monges gregos usavam, e o traduzira.

Mas a divulgação do texto em meio laico e a sua tradução em português inscrevem-se também, naquela «relação de privilégio que os primeiros reis e príncipes da dinastia de Avis alimentaram com a espiritualidade e cultura intelectual protagonizada por frades franciscanos», grande parte deles observantes, que foram seus confesores, seus capelães, seus pregadores e que está bem patente em obras como o *Leal Conselheiro*, como demonstrou recentemente João Dionísio²². Por esta razão o Livro de Clímaco figurará no elenco dos livros de D. Fernando para serem legados ao mosteiro franciscano de Leiria.

A escolha de uma «obra radical» feita por Clarenos, enquanto exilado, é retomada agora por homens e em circunstâncias de novo marcadas pela busca da ascese que motivara a redacção do livro. E assim ele aparece também registado no elenco de livrarias monásticas de franciscanos observantes, como em Caminha²³, e até no da livraria do convento dos cônegos seculares de S. Salvador de Vilar de Frades (Lóios), *per lingoagem*, na segunda metade do século XV²⁴.

Já no século XVI surge uma nova tradução de Clímaco, agora impressa, da autoria de Frei Luís de Granada. Dela possui a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra um exemplar, que o autor dedicou à rainha D. Catarina, e em que afirma ter procurado refazer a tradução de Clímaco uma vez que existira uma já bastante antiga, a par de outra cujo estilo lhe parecia bastante arredado do original²⁵. O momento e as circunstâncias em que Frei Luís de Granada pegou neste texto são de novo particularmente eloquentes, pois algumas das suas obras acabavam de ser proibidas no Índice de 1559²⁶. Tratava-se, portanto, digo eu, de uma escolha de exilado, de um livro que agradou, entre nós, a uma esmagadora minoria.

22. João DIONÍSIO, «Literatura Franciscana no *Leal Conselheiro* de D. Duarte», *Lusitânia Sacra*, 2ª Série, Tomo XIII-XIV (2001-2002), 491 e ss.

23. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Nobres Leteras... Ferosos Volumes* (Inventários de Bibliotecas dos Franciscanos Observantes em Portugal, no século XV). Porto, 1995.

24. Cf. José MARQUES, *A Arquidiocese de Braga no século XV*, Lisboa, IN-CM, 1988, 879-880.

25. *LIBRO DE S. IOAN CLIMACO* (...) en Lixboa (...) En casa de Joannes Blavio (...) 1562 [Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, R.34-29]. Referia-se por certo à tradução de Clarenos (a mais antiga) e à de Ambrosio Traversari, camaldulense, que em 1400 recompusera o texto de Clarenos por lhe achar o latim demasiado rústico – com o que, no entanto, como vem a afirmar Frei Luís de Granada, se afastava do texto original.

26. Alvaro HUERGA, *Fray Luis de Granada. Una vida al servicio de la Iglesia*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, La Editorial Catolica, 1988, 158 e ss, esp. 162-164.